

## **5a. PARTE — TRANSCRIÇÕES**

## A VITALIDADE CULTURAL DO CEARÁ

João Carlos Teixeira Gomes

Entre os Estados brasileiros que mais possuem vida cultural própria figura, sem nenhum favor, o Ceará. É impressionante, para quem chega de fora, a seriedade com que os fortalezenses encaram as manifestações da vida intelectual, havendo inclusive um grande e saudável interesse — difícil de encontrar em outras capitais — por parte dos jovens em relação a congressos e seminários literários, além da simpatia e do calor humano com que cercam e distinguem escritores e até mesmo simples estudiosos ou professores de literatura.

Uma verificação animadora é a de que as tradições literárias e editoriais do Ceará continuam mais fortes do que nunca. Não devemos esquecer-nos de que foi lá, em fins do século passado, que surgiu um dos movimentos culturais mais importantes e originais já acontecidos em Estados brasileiros fora do eixo Rio - São Paulo, o da "Padaria Espiritual", que, segundo o jovem e competente crítico Edmilson Caminha Júnior, "doublé" de professor, antecipou-se em cerca de trinta anos à própria Semana de Arte Moderna no que se refere à valorização das coisas brasileiras, como afirma ele em recente artigo publicado no "Jornal de Letras".

Ainda, agora, a Universidade Federal do Ceará e a Academia Cearense de Letras, em iniciativa conjunta que contou com o apoio financeiro da Prefeitura de Fortaleza (Administração Lúcio Alcântara), acabam de reunir em edição **fac-similar** os 36 números do jornal "O Pão", divulgado de 1892 a 1898 pelos integrantes da "Padaria Espiritual", relevante contribuição para o estudo e melhor conhecimento das correntes e ten-

dências que vêm fecundando, ao longo dos tempos, as literaturas regionais. Convém lembrar que foi também cearense uma das revistas mais importantes do Modernismo, a “Clã”, sem dúvida uma das mais prestigiosas já editadas regionalmente, unindo às preocupações estéticas de vanguarda os ideais democráticos revitalizados pela vitória contra o nazismo na Segunda Guerra Mundial, tal como aconteceu em Salvador com a geração “Cadernos da Bahia”.

A reedição dos jornais da “Padaria Espiritual”, preciosidade que está sendo disputada pelos bibliófilos do País inteiro, não chega a surpreender a quem, como eu, conhece a realidade editorial do Ceará, onde **o dinâmico e operoso Cláudio Martins é o atual Presidente da Academia Cearense de Letras.**

Nem poderia ser de outra forma, se nos lembrarmos de que é cearense o patriarca da literatura brasileira, José de Alencar, cuja vasta obra lançou os fundamentos gerais de uma autêntica teoria da criação literária em nosso País, sobretudo em trabalhos como as cartas escritas sobre a “Confederação dos Tamoios”, de Gonçalves de Magalhães, o prefácio do romance “Sonhos d’Ouro”, o opúsculo “Como e Por Que Sou Romancista” e as notas explicativas apenas aos romances “Iracema” e “Ubirajara”, nos quais uma alta consciência literária se alia a uma comovedora visão do Brasil.

Alencar instaurou os princípios do nacionalismo literário que permitiu ao nosso País acelerar, depois da independência, o processo do seu auto-conhecimento e de identificação com a sua fisionomia peculiar, preocupação que se desdobrou até o Modernismo e continua marcando os momentos de confluência do escritor brasileiro para a reflexão crítica sobre os nossos destinos.

Mas o Ceará, obviamente, não se imobiliza em suas glórias passadas. Ali nunca cheguei sem que me deparasse com uma quantidade significativa de livros da melhor categoria, que, infelizmente, quase nunca são postos à disposição do público baiano, como também acontece em sentido inverso, não continuasse o Brasil de hoje a ser aquele arquipélago cultural a que já se referia em 1942 Vianna Moog. Bem mais expressivo

do que o de Salvador é o movimento editorial em Fortaleza, havendo firme empenho não só dos seus escritores mais novos, como dos já consagrados, em publicar permanentemente.

Falar nos escritores cearenses de hoje é evocar as grandes figuras de Moreira Campos, Milton Dias, Fran e Cláudio Martins, Otacílio e Ciro Colares, Raimundo Girão, Antônio Girão Barroso, Jáder de Carvalho, Pedro Paulo Montenegro, Carlos d'Alge, Artur Eduardo Benevides, Francisco Carvalho, Caetano Ximenes Aragão, José Denizard Macedo de Alcântara, Sâzio de Azevedo, José Hélder de Souza, Pádua Ramos e tantos outros nomes significativos no campo da ficção, da poesia, da crítica, do ensaio, do jornalismo, para nos concentrarmos apenas naqueles que permanecem no Ceará e lá trabalham, enriquecendo as letras do Nordeste. Nem omitamos o nome do primoroso orador que é João Nazareth Cardoso, Vice-Reitor da Universidade Estadual, senhor do verbo fluente que se ampara numa sólida cultura filosófica.

Não surpreende que haja essa dedicação à cultura numa terra, como Fortaleza, em que até a Câmara de Vereadores e a Assembléia Legislativa — fenômeno talvez único no Brasil — abrigam poetas do nível de Juarez Leitão e Barros Pinho.

Fenômeno singular é o vereador José Barros de Alencar, "doublé" de político e **gentleman**, tão estimado pelos seus pares que após deixar a direção da casa tornou-se Presidente de Honra, exercendo um sistemático mercenato cultural, prestigiando certames literários, estimulando as artes e promovendo seminários e congressos de prestígio nacional. De coisas assim nunca tive notícia em outras capitais brasileiras.

Mas não é por acaso que o cearense revela tanto amor à cultura. Todo esse dinamismo reflete ação articulada, que encontra na Universidade um centro propulsor, através da atividade empreendida pelo seu fundador, o Reitor Antônio Martins Filho, cujo trabalho pioneiro obteve justa repercussão no Brasil, ao lado de iniciativas como o Museu de Arte da Universidade, modelar em todo o País. Trabalho, de resto que foi mantido pelo ex-Reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto, a quem o Ceará fica devendo a magnífica obra de restauração levada

a efeito no sítio histórico de Messejana, onde nasceu José de Alencar, e em cujo Museu anexo se encontra a exposição permanente do pintor Floriano Teixeira sobre temas dos romances alencarinos.

Do mesmo modo, imprescindível é visitar o Museu de Arte da Universidade Federal, onde se encontram as exposições permanentes dos cearenses Antônio Bandeira, Aldemir Martins e Raimundo Cela, este último pouco conhecido fora dos meios especializados, mas um artista de grande importância na história da nossa pintura. Raimundo Cela foi, também, o pintor da epopéia dos jangadeiros e o fixador, com mestria e competência inigualáveis, das cenas do homem simples em confronto com o meio agreste, flagelado pelas secas. Cela era um artista magistral tão competente nas telas como nos desenhos a carvão ou nas gravuras que enriquecem a sua exposição. De Antônio Bandeira e Aldemir Martins não é preciso falar, mas convém informar, ainda, que o acervo do Museu da Universidade possui obras de artistas baianos do nível de Caribé, Sante Scaldaferrri, Fernando Coelho, Carlos Bastos, Floriano Teixeira e Calazans Neto. A idéia da pujança das artes plásticas cearenses poderá ser completada com uma visita ao Museu de Arte Popular localizado na Emcetur, no severo prédio que, outrora, foi cadeia pública, e hoje se destina a funções mais nobres. Além de peças em cerâmica ou trabalhadas em madeira, dentro das melhores tradições do artesanato nordestino, o Museu abriga grande quantidade de telas de pintores primitivos que, pelo seu alto senso colorístico e a poética ingenuidade do traço, são uma festa para os olhos.

Não poderia deixar de citar o nome do saudoso Edson Queiroz, um novo e surpreendente Delmiro, criador da Universidade de Fortaleza e de um complexo de comunicação sofisticado, sem dúvida, um dos cearenses mais ilustres deste século.

Propositadamente deixei para o final, neste artigo que não deseja ser senão um rápido bosquejo da vitalidade cultural do Ceará, a figura de Paulo Peroba, um moço de pouco mais de trinta anos que é, sem a menor contestação, o maior promotor de realizações culturais do Brasil inteiro. No acervo

de suas iniciativas, que vão desde a realização de congressos, cursos, seminários, conferências e simpósios, envolvendo todos os campos do saber, até a edição de pequenos opúsculos e folhetos didáticos para a juventude, já existe o rol impressionante de mais de seiscentas realizações, que têm transformado Fortaleza no centro cultural mais importante de todo o Nordeste.

Basta revelar que, de certa feita, Paulo Peroba conseguiu reunir, em sua cidade, a metade da Academia Brasileira de Letras, dentro da filosofia que norteia suas promoções, de sempre colocar os jovens diretamente em contacto com escritores consagrados ou professores de outros Estados que tenham uma mensagem a veicular. Paulo Peroba tem sido apontado por escritores e críticos do porte de Antônio Houaiss, Fernando Sabino, Gilberto Freyre, Pedro Calmon, Gilberto Mendonça Teles, Oto Lara Resende, Vinícius de Moraes, Antônio Carlos Villaça, Vianna Moog, Aurélio Buarque de Holanda, José Honório Rodrigues, Ciro dos Anjos, Austregésilo de Athayde, Paulo Rónai, Joel Silveira, Napoleão Mendes de Almeida, Mauro Mota, Hermes Lima, Paulo Mendes Campos, José Américo de Almeida, R. Magalhães Júnior, Rocha Lima, Pinto Ferreira, Orígenes Lessa, Heloneida Studart, Bernardo Éllis e tantos outros de igual prestígio, como o maior agitador cultural do País nos dias que correm, unindo à solidez de sua formação cultural e compreensão dos problemas brasileiros um dinamismo pessoal que impressiona e cativa. Exemplo raro no Brasil, Paulo Peroba prefere manter-se à margem do Poder, realizando suas múltiplas promoções através da firma que constituiu para esse objetivo. Meia dúzia de Paulos Perobas transformariam a fisionomia cultural do nosso País, onde o marasmo é em grande parte responsável pela ausência de efetivo contacto entre os produtores da cultura e o público. Paulo Peroba atua exatamente nesse setor, funcionando como um elo de contacto dinâmico e eficiente, num trabalho marcado pelo pioneirismo e por uma generosa compreensão do valor da cultura.

Paulo Peroba tem contado em suas atividades com a entusiasmada colaboração da imprensa da sua terra natal, que registra seus feitos e divulga suas promoções e do crítico a que

aludi, no início deste artigo, Edmilson Caminha Jr., nome que, pelas qualidades de sua formação cultural e a seriedade com que encara a literatura, dentro de alguns anos terá sua projeção na própria crítica nacional.

Pau'o Peroba é, em síntese, um exemplo vivo e atual da vitalidade cultural do Ceará.

(Transcrito do "Diário do Nordeste", 24-7-1983).